

SOCIOLOGIA PARA JOVENS RURAIS: POR UM SABER DA EXPERIÊNCIA

Autores: Maria Lucia Inês Fernandes Cruz¹; Isaurora Cláudia Martins de Freitas².

¹ Aluna do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – CCH/UVA; E-mail: lucia_ines_cruz@hotmail.com.

² Professora do Curso de Ciências Sociais – CCH/UVA; E-mail: isaurora68@gmail.com.

Resumo: O presente trabalho constrói-se sobre o objetivo de compreender como a Sociologia escolar pode contribuir com a formação de jovens do meio rural, levando em conta a dimensão da experiência de vida destes sujeitos. Interessa aproximar-se do cotidiano escolar dos jovens e conhecer, através de suas histórias de vida, as questões extraescolares que lhes agregam experiências. Para atender às necessidades da pesquisa de campo, a metodologia é predominantemente qualitativa, possibilitada por meio de técnicas como grupo focal e entrevistas. Os resultados, ainda em construção, mostram a realidade de jovens que concluem o ensino médio sem identificar utilidade objetiva do ensino escolar em suas vidas. O trabalho instiga a pensar na importância de se ressignificar metodologias de modo a contemplar o contexto sociocultural do jovem do meio rural, bem como compreender a Sociologia escolar, em seu fundamento de formar para a cidadania, como importante ferramenta de aproximação com os sujeitos.

Palavras-Chave: Sociologia; Juventudes rurais; Escola; Experiências.

INTRODUÇÃO

Dentre as várias questões que permeiam os debates sobre a educação escolar, especial enfoque se dá à descontextualização desta no que se refere às questões sociais contemporâneas. Em comparação a outras instituições sociais, como a família – que passou e passa por profundas transformações em seus arranjos e compreensão de papéis – a escola é visivelmente uma das que menos se modificou ao longo do tempo. Assim, percebe-se a existência de um descompasso marcado pelo contraste entre uma sociedade amplamente modernizada e um espaço escolar imobilizado por padrões defasados.

Pensando sobre a disparidade entre a escola e o sujeito que nela se encontra é possível discorrer sobre variadas questões, no entanto, para este trabalho, me limito a elucidar o contexto específico de escolas do meio rural, tomando como forma de aproximação a vivência em uma escola no município de Tejuçuoca (CE). O jovem do meio rural possui experiências próprias da realidade em que vive, sendo esta, uma dimensão importante a ser compreendida e que motiva o trabalho aqui proposto. Pensar estas adequações exige o esforço e a sensibilidade que permitam

entender o dinamismo dos espaços sociais e as peculiaridades que agregam significado às experiências de vida dos sujeitos.

O trabalho está sendo desenvolvido no anexo da Escola de Ensino Médio Deputado Fernando Mota, localizado em um Distrito chamado Retiro, distante 22 km da sede do município de Tejuçuoca. O anexo tem funcionamento em período noturno e recebe atualmente 236 alunos de oito comunidades rurais circunvizinhas em um total de sete turmas, sendo, portanto, composta quase em sua totalidade por alunos advindos de comunidades rurais. O foco recai sobre as contribuições da Sociologia na formação destes alunos, levando em consideração as experiências dos jovens para além da escola. O contato com suas histórias de vida propiciará pensar sobre as possibilidades que a Sociologia tem de utilizar-se destas vivências como ferramenta metodológica para a construção de conhecimento.

O estudo agrega contribuições às áreas de educação – especialmente o ensino de Sociologia – juventude e ruralidade. No universo das produções acadêmicas é possível localizar variados trabalhos sobre as temáticas supracitadas, no entanto, a maioria encontra-se arranjada de maneira fragmentada. Os estudos sobre educação escolar possuem uma vasta produção, porém, sobre o ensino de Sociologia as publicações são mais restritas. De acordo com o levantamento feito por Handfas e Maçaira (2014), no período de 1993 a 2012, foram contabilizados 41 dissertações e 2 teses sobre o tema, sendo a maioria relacionada a currículo, práticas pedagógicas e metodologia de ensino. O estudo aqui proposto, para além de entender as referidas centralidades, busca apreender a função prática do ensino desta disciplina a partir das perspectivas dos alunos, com destaque para o jovem do meio rural.

Os trabalhos sobre juventude cresceram bastante. Para citar alguns exemplos de representantes desta temática no Brasil temos autores como: Dayrell (2007) e Carrano (2011). Destaque-se ainda as reflexões de Bourdieu (1983) e Pais (2003) no tocante a compreensão da juventude como construção social reflexo do pertencimento e dos significados atribuídos a esta fase de vida. No que se refere ao meio rural a produção é mais escassa. Destaco os trabalhos de Carneiro (2007) e Wanderley (2007) como importantes nomes nestes estudos.

Assim, prossegue-se com o objetivo de contribuir com as reflexões sobre o ensino de Sociologia no Brasil, acrescentando ao acervo de produções acadêmicas, ainda restrito, discussões sobre o ensino da referida disciplina e, de maneira especial, ao seu ensino em locais categorizados como zona rural.

METODOLOGIA

Inclinando-se para uma Sociologia reflexiva, podemos, como diz Melucci (2005), entender que a Sociologia passou por um processo de ruptura metodológica na medida em que se viu diante

de contextos sociais que favoreceram o “florescimento de inovações”, sendo estas relacionadas às necessidades que o campo apresentava e que apenas as generalizações de quantidade não dariam conta de atender. Assim, os objetivos aqui propostos somente podem ser atingidos ao enveredar-se em uma metodologia de abordagem qualitativa capaz de alcançar questões de caráter mais subjetivo.

Para atender as necessidades da pesquisa de campo utilizo como técnicas de pesquisa o grupo focal e as entrevistas. A relevância do grupo focal pode ser percebida por meio da conceituação de Bauer (2002, p. 75) quando destaca algumas características especiais desta ferramenta de pesquisa em comparação com a técnica da entrevista. Em seus termos o grupo focal:

É uma interação mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade (Bauer, 2002, p. 75).

O grupo focal, representado uma pequena unidade social, é utilizado no início da pesquisa no intuito de construir diálogos coletivos, no formato de roda de conversa, sobre questões pertinentes ao estudo, bem como possibilitar a aproximação com os jovens interlocutores da pesquisa.

A entrevista, recurso amplamente utilizado nas Ciências Sociais, entendida como “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro” (HAGUETTE, 2010, p. 81), será utilizada em um segundo momento. Esta técnica possibilitará o acesso às histórias de vida dos jovens e, a partir destas, pretende-se desenvolver reflexões que partem da concepção micro e se propõem a atingir dimensões macro que dizem sobre realidades sociais mais amplas.

Nesta lógica, tomamos “...as falas do cotidiano como matéria-prima do conhecimento, num processo de transfiguração semelhante ao do poeta que transfigura as palavras do dia a dia em poesia. A fonte primeira de todo o conhecimento é o cotidiano, é o vivido” (PAIS, 2003, p. 47). A partir do vivido, da experiência, do cotidiano dos sujeitos buscamos, utilizando para isso suas falas, construir conhecimento e reflexões que representarão os resultados da experimentação do campo de pesquisa.

Assim, arrisco-me em aventureira imersão nas subjetividades. Com os sentidos atentos dedicar-me-ei a seguir à tríade proposta por Cardoso de Oliveira (1998) quando destaca a importância de saber olhar, ouvir e escrever. Estes três atos cognitivos, quando desenvolvidos com sensibilidade e em sintonia, tornam-se ferramentas encantadoras diante da arte de transformar o cotidiano em reflexões sociológicas. O olhar atento permite uma aproximação não corporal, mas muito necessária. A escuta leva a compreender os discursos e as entrelinhas presentes nas falas. E

por fim, a escrita. A mais desafiadora aventura que nos transporta de uma realidade palpável para dimensões subjetivas que encontram refúgio sobre o papel, mas que a ele jamais se limitam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO

O interesse por esta discussão mescla questões pessoais e profissionais. Como professora de Sociologia experimentei certas angústias ao me deparar com um grande quantitativo de jovens que não encontram significado diante do que a escola oferece. Jovens que concluem o ensino médio sem visualizar uma possibilidade real de utilizar os conteúdos aprendidos como instrumento de propulsão na direção de condições de vida menos precárias. A Sociologia, como saber escolar, tem importante papel neste cenário, já que traz como fundamento a formação para a cidadania, que, neste contexto, pode ser traduzida como uma ferramenta que possibilita a aproximação com os sujeitos, tomando por base causas e demandas próprias de seu contexto social e os trazendo de maneira contextualizada para os debates que tornam legíveis a sociedade de modo mais amplo.

Em uma rápida pesquisa, encontramos cerca de 25 publicações que apreendem a juventude levando em conta o contexto de ruralidade. Nestes títulos perceberemos certa diversidade de temas, onde é possível estabelecer relação da juventude rural com questões ligadas ao trabalho, a gênero, ao ensino superior, à migração, aos projetos de vida, entre outros. Na perspectiva aqui proposta nenhuma obra disponível em meios eletrônicos oficiais foi encontrada.

Como resultado da pesquisa exploratória já realizada foi possível detectar que a maioria dos jovens do anexo de Retiro advém de famílias de baixa renda, onde prevalece como profissões dos pais a agricultura, o trabalho como pedreiro ou assistente. Já as mães são em sua maioria donas de casa, agricultoras ou bordadeiras. Os alunos estão em uma faixa etária que varia entre 15 e 25 anos de idade.

Em relação à Sociologia, os alunos demonstram dificuldade de compreensão de alguns temas mais abstratos, no entanto, quando relacionado com questões do cotidiano que os levam a pensar de maneira não imaginada antes, causa interesse e participação, como se percebe no relato de uma aluna do 3º ano quando diz que: “A Sociologia é uma matéria que poucos compreendem, mas é muito interessante, porque ela nos mostra um lado da sociedade que não conhecemos muito bem”. (3 Ano D).

Pensamos a educação como propõe Bondía (2002), por meio do par experiência/sentido. A palavra experiência, entendida como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, p. 21), agrega uma dimensão de subjetividade por meio da qual se entende que para além das tantas questões objetivas que “se passam” no cotidiano, o ser humano (aluno) é também movido pelo que lhe agrega valor e compreensão, o que lhe “toca”. Esta compreensão adquire

significativo relevo para a abordagem assinalada neste trabalho pelo fato de que o jovem do meio rural será tomado “como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (p. 24), como um sujeito de experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto compreende-se que é necessário pensar em uma metodologia de ensino capaz de contemplar a realidade e o contexto de vida dos educandos. O jovem do meio rural, com suas especificidades, requer metodologias significativas dentro de sua realidade. Nesta lógica é possível refletir sobre a necessidade de contextualização dos conteúdos que são propostos nos livros didáticos. Deparando-se, por exemplo, com um longo capítulo que aborda problemas urbanos, sendo muitos deles distantes do cotidiano do aluno da zona rural, cabe o movimento de contextualização daquele conteúdo para que possa fazer sentido e assim despertar a curiosidade que leva ao conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos espirituais e pessoas tornam-se mais significativos quando estão para além do papel, reservo-os para outras situações. Assim, agradeço aqui ao Mestrado Profissional de Sociologia e, na pessoa de minha orientadora, Isaurora Martins, a todo o colegiado PROFSOCIO/UVA.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BOURDIEU, P. A Juventude é Apenas uma Palavra. In: **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983. P. 112 - 121

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, In: **O trabalho do Antropólogo**, São Paulo – SP, UNESP/paralelo 15, 2ª. Ed, 1998. PP 17-35.

CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARRANO, P. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar**. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz as juventudes?** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em [HTTP://www.cedes.uncamp.br](http://www.cedes.uncamp.br).

HANDFAS, A.; POLESSA, Julia . **O estado da arte da produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica.** BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v.1, n.74, p.45-61, 2014. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-74/8799-o-estado-da-arte-da-producao-cientifica-sobre-o-ensino-de-sociologia-na-educacao-basica/file> Acesso em: 20/07/2018.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 12. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MELUCCI, Alberto (Org.). **Por uma Sociologia Reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In:* CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.